

CIES e-WORKING PAPER N° 22/2007

**A parentalidade experimentada no masculino:  
as vivências da paternidade**

RITA VELOSO MENDES

*CIES e-Working Papers* (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, [cies@iscte.pt](mailto:cies@iscte.pt)

**Rita Veloso Mendes** é socióloga; investigadora do CIES-ISCTE; doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE e bolsista da FCT; discente do Curso de Especialização em Administração Hospitalar da Escola Nacional de Saúde Pública e consultora do CENJOR – Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas. Tem desenvolvido trabalhos em áreas de especialização como família, género e paternidade, saúde, redes tecnológicas; media e comunicação. E-mail: [rita.mendes@iscte.pt](mailto:rita.mendes@iscte.pt)

## Resumo

Terão os jovens pais diferentes representações e atitudes perante a paternidade? Desejarão, de facto, os jovens pais intervir de forma activa na educação das crianças, envolvendo-se sentimentalmente com elas? Como se concilia a vivência da paternidade com o desempenho de uma actividade profissional? E com a relação conjugal? Estarão os jovens pais a tentar obter uma situação de igualdade face às jovens mães, no que refere à assistência e ao acompanhamento dos filhos? Os resultados apurados na investigação “À Procura de Novos Pais: Representações e Atitudes Perante a Paternidade, agora apresentados neste *working paper*, vão no sentido de estarmos perante uma vivência da paternidade mais efectiva e afectiva. Assim, os jovens pais demonstraram uma vontade de estarem presentes e de acompanharem o crescimento dos filhos, tendo um envolvimento emocional com eles. Mas apesar desta regularidade, observaram-se especificidades decorrentes de diferentes posições socioeconómicas e idades que importam distinguir.

**Palavras-Chave:** paternidade, família, profissão, masculinidade

## Abstract

Have young fathers different conceptions and attitudes towards fatherhood? Do young fathers really wish to intervene in children education, in a context of emotional involvement? How do they reconcile fatherhood experience with their professional career and conjugal relationship? Are young fathers striving for a situation of equality in comparison with young mothers, concerning the assistance and take care of their children? The results obtained in the research “Searching for young/new fathers: conceptions and attitudes towards fatherhood” presented in this working paper, indicate that we are facing a new way of living fatherhood that is more effective and affective. In this way, young fathers show a will of being present and follow his child’s growing, developing an emotional link with them. But even with this regularity, we can observe certain specificities, proceeding from distinct socio-economical positions and ages, that indicates the existence of distinct ways of living fatherhood.

**Key Words:** fatherhood, family, profession, masculinity

Neste *working paper* apresentam-se os resultados da pesquisa: “À procura de novos pais: percepções e atitudes perante a paternidade”. Esta investigação através de uma abordagem qualitativa e intensiva permitiu compreender diversas formas de viver a paternidade na juventude e de perceber diferentes formas de a integrar num projecto de vida profissional, conjugal ou familiar num contexto urbano em Portugal.

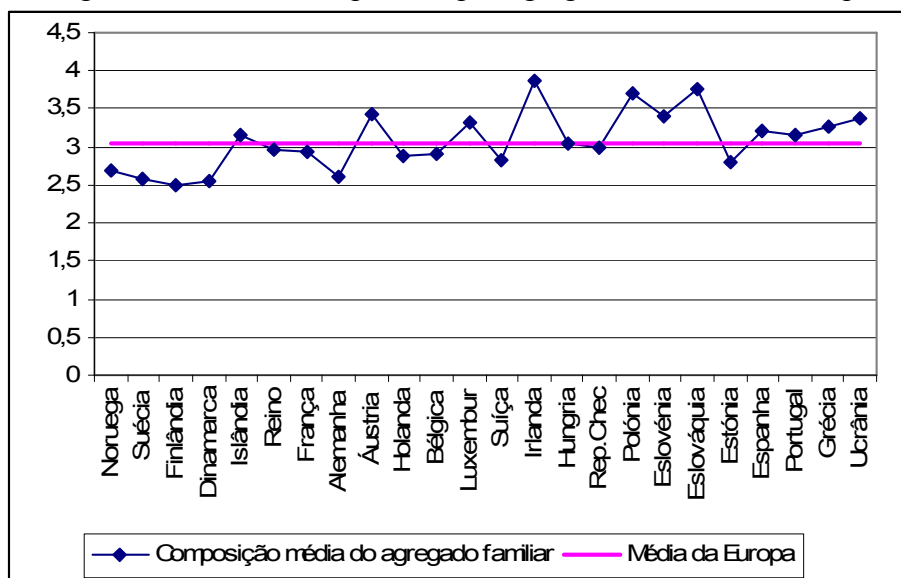
Porém, antes dos resultados, é necessário entender as principais tendências familiares actuais para que nelas se integrem as dinâmicas, os posicionamentos e os discursos dos jovens pais enquanto objecto de estudo, nomeadamente na divisão dos cuidados prestados às crianças.

Desta forma num primeiro ponto irão ser apresentados alguns dados relativos às estruturas e dimensões das famílias europeias, bem como diferentes formas de articular a esfera profissional com a familiar. No segundo e terceiro pontos, mais focalizados no projecto de investigação sobre a paternidade, poderemos encontrar enunciada a problemática que guiou esta pesquisa e os principais resultados obtidos. Por fim no quarto e último ponto serão enunciadas questões consideradas pertinentes para novas investigações na área da Sociologia da Família. Estas pistas nasceram das conclusões mas também das limitações da pesquisa.

## **1. Famílias europeias: novas tendências, estruturas e composições**

Vários são os estudos que têm vindo a discutir e a identificar alterações das estruturas, composições e dinâmicas familiares na Europa (Torres, 2006; Wall, 2005; Oinonen, 2004; Clement e Rudolph, 2004), associando factores como a precoce ou tardia autonomização dos jovens, a precariedade e instabilidade do mercado de trabalho e a queda dos números da natalidade à emergência de diferentes dimensões e composições familiares e formas de viver em família. A figura 1 representa as dimensões médias do agregado familiar dos países que participaram no European Social Survey (ESS 2004 – round 2).

Figura 1: N.º médio de pessoas por agregado familiar na Europa

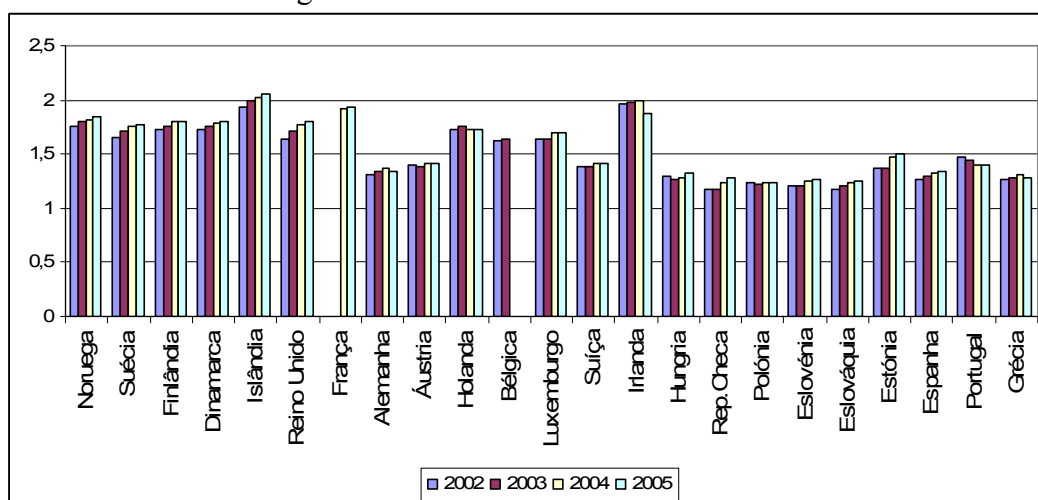


Fonte: European Social Survey, round 2, 2004

Este gráfico reflecte uma composição média dos agregados familiares europeus pouco elevada (3,08 pessoas por agregado) e diferentes tamanhos de famílias em função da localização geográfica. Assim, nos países escandinavos encontram-se agregados familiares menos numerosos por contraste aos países do alargamento e do sul, onde se encontram famílias compostas por mais elementos.

Numa análise imediata estes dados podem indiciar que são os países escandinavos os que têm valores mais baixos da taxa de fecundidade uma vez que são os que apresentam famílias de menores dimensões. Na realidade isso não se verifica, como se pode observar na figura 2.

Figura 2: Índice sintético de fecundidade

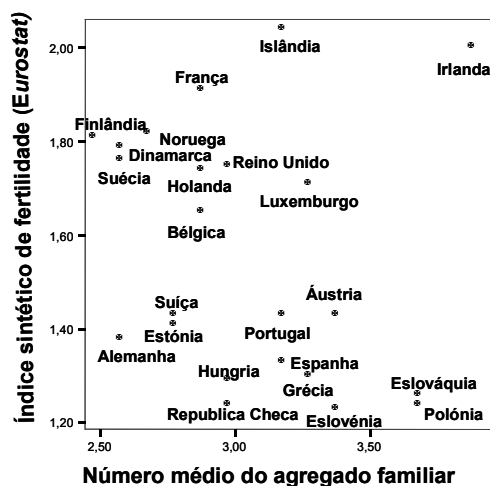


Fonte: Eurostat 2004

Os dados deste gráfico evidenciam a existência de uma taxa de fecundidade mais elevada nos países onde os agregados familiares têm dimensões médias mais reduzidas, sendo especialmente entre os países em que esta situação se verifica – escandinavos e do norte da Europa – que se observa um ligeiro aumento dos números relativos à taxa de fecundidade desde 2002.

Ao procurar estabelecer uma correlação entre a dimensão média dos agregados familiares e os valores da taxa de fecundidade, encontrou-se uma relação negativa ( $r$  de Pearson = -0,242), i.e., não é nos países onde nascem mais pessoas que os agregados familiares são maiores, pelo contrário, é onde estes são menores que se podem observar os números mais elevados da taxa de fecundidade. A figura que se segue ilustra graficamente esta tendência.

Figura 3: Índice sintético de fecundidade pelo número médio dos agregados familiares da Europa



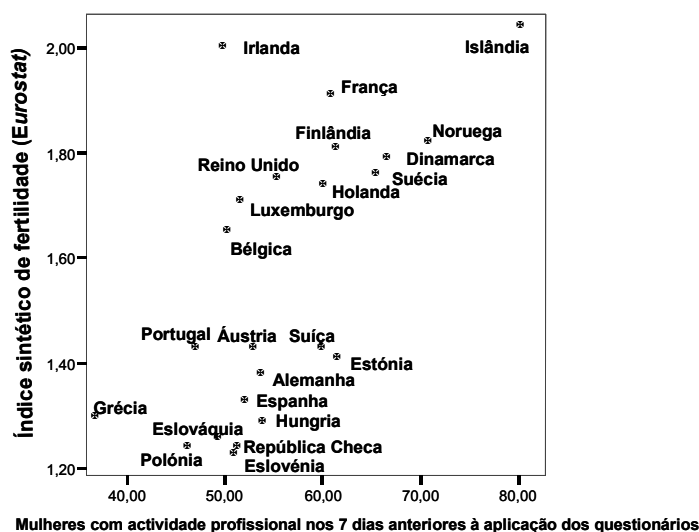
Fonte: European Social Survey, round 2, 2004.

Esta figura ilustra o facto de ser nos países em que há mais nascimentos que as famílias são menos numerosas – com excepção da Irlanda que apresenta valores elevados nos dois parâmetros em análise. Esta tendência relaciona-se por certo com a precoce ou tardia autonomização dos jovens nos diversos países em análise, contribuindo para que os agregados familiares contem com mais ou menos indivíduos na sua composição. Note-se que já Oinonnen (2004), na apresentação dos resultados do estudo comparativo entre a Finlândia e a Espanha, espelha as diferenças existentes na criação de autonomia da família de origem e posterior formação de outra família.

Segundo esta autora, estas diferenças relacionam-se directamente com a inserção dos jovens no mercado de trabalho, com as condições de precariedade laboral e o desemprego juvenil. Aliás, estes são também aspectos referidos por outros autores nacionais que se têm vindo a dedicar às questões da juventude (Guerreiro e Abrantes, 2004).

Por outro lado, o facto de as mulheres assumirem cada vez mais protagonismo no mercado de trabalho leva a reestruturações das composições e das dinâmicas das famílias, podendo contribuir para a existência ou criação de novas concepções dos papéis familiares. No entanto, ao contrário do que se poderia pensar numa primeira análise, não é o facto de as mulheres estarem a aumentar a sua presença no mercado de trabalho que explica o facto de terem menos filhos. A este propósito, recordem-se os resultados já avançados por Anália Torres (2004) ao identificar, na análise dos países participantes no *European Social Survey* em 2002 (*round 1*), uma forte correlação entre a taxa de fecundidade e a de actividade profissional. Esta tendência volta-se a verificar em 2004, como ilustra a figura que se segue.

Figura 4: Índice sintético de fertilidade pela actividade feminina



Fonte: European Social Survey, round 2, 2004.

Na figura anterior estão evidenciados dois grupos distintos, os países escandinavos e do norte da Europa e os países da Europa do sul e do alargamento. Os primeiros associam uma participação feminina no mercado de trabalho acima dos 50% e valores do índice sintético de fertilidade superiores a 1,6 filhos por mulher em idade

fértil. Os segundos cruzam os mais baixos valores do índice sintético de fertilidade com uma participação das mulheres no mercado de trabalho inferior aos 60%. Ao procurar estabelecer uma relação entre o índice sintético de fecundidade e a presença feminina no mercado de trabalho, com um valor de  $r$  de Pearson = 0,64, encontrou mais uma vez uma forte uma correlação entre a presença das mulheres no mundo laboral e a fertilidade.

Afastando a ideia que é nos países onde mais mulheres trabalham profissionalmente que se encontram os valores mais baixos dos indicadores da fecundidade, nas sociedades modernas emergem outras questões relacionadas com a temática das famílias e com a interacção dos membros que as compõem.

Assim, identificar e mapear os factores que contribuem para a queda dos números da fertilidade, perspectivar soluções ou medidas políticas e sociais que promovam e facilitem a articulação do mercado trabalho com a família são questões que assumem uma elevada importância e relevo social. Paralelamente, as percepções e definições do papel desempenhado pelos homens nas interacções familiares e laborais ganham também uma expressiva pertinência na abordagem da realidade social, uma vez que estes são simultaneamente profissionais e membros integrantes de uma família onde homem e mulher tendem a ter uma actividade profissional exterior à dimensão do familiar/privado.

## **2. A paternidade enquanto objecto de estudo: o ponto de partida**

A abordagem do tema da paternidade surgiu destas interrogações, isto é, do querer conhecer o posicionamento dos homens face ao desempenho do papel de pai, de marido e de profissional para desta forma se integrar o conhecimento das perspectivas masculinas no estudo das temáticas e dinâmicas familiares.

O especial enfoque da paternidade vivida por jovens decorre da consensualidade de outras pesquisas defenderem que se está perante uma *nova* geração de pais que afirma querer ter um papel mais activo, efectivo e interventivo, tanto na esfera privada como na pública, face aos modelos da paternidade vivenciados ou observados em gerações anteriores, como se pode confirmar na consulta dos resultados apresentados por White (1994), Pleck (1981), Björnberg (1994), Segalen (1996), Marsiglio (1993), Messner (1993), La Rossa (1988) e Griswold (1993).

Neste sentido, foi com o intuito de perceber um pouco mais sobre a vivência real da paternidade em Portugal que surgiu esta pesquisa. Em específico, procurou-se responder a cinco perguntas em concreto:

Terão os jovens pais diferentes representações e atitudes perante a paternidade?

Será que o projecto da paternidade implica ou é implicado na construção do projecto de masculinidades (Connell, 2003)?

Como se concilia a vivência da paternidade com o desempenho de uma actividade profissional? E com a relação conjugal?

Estarão os jovens pais a tentar obter uma situação de igualdade face às jovens mães, no que refere à assistência e ao acompanhamento dos filhos?

A especificidade do tema levou a que se realizassem entrevistas semi-directivas a indivíduos contactados através da técnica *snowball*. Foram entrevistados 30 jovens pais, residentes na Área Metropolitana de Lisboa e com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos. A análise de conteúdo dos discursos foi posteriormente realizada com o auxílio do programa MAXQDA.

Para investigar a construção social da paternidade, consideraram-se três dimensões de análise: a *família*, a *profissão* e as *masculinidades*<sup>1</sup>.

Na dimensão da *família*, compreendendo quer a família de origem como a actual, considerou-se e integrou-se a emergência de um papel de pai num contexto familiar pré-existente, próprio e que pode conferir especificidades à construção da paternidade quer pela existência de um modelo referencial de paternidade vivenciado, quer pelas oportunidades de apoio que são proporcionadas pela rede familiar. Nesta dimensão pretendeu-se ainda averiguar e identificar estratégias de actuação em função do tipo de relação conjugal existente, reestruturações nas relações conjugais ou nas estabelecidas com as famílias de origem do próprio ou do cônjuge.

Com o intuito de identificar e perceber as práticas familiares quotidianas dos indivíduos, tais como a partilha das tarefas domésticas ou a participação nas tarefas de cuidados diários aos filhos (i.e. no dar banho, mudar fraldas, dar de comer, levar e buscar às escolas, etc.), foram incluídos nesta dimensão indicadores relativos às práticas

---

<sup>1</sup> Atente-se na problemática discutida por Connell na defesa da existência do conceito de masculinidades e não apenas de uma masculinidade única. (Connell, 2003)



do dia-a-dia dos indivíduos para perceber até que ponto é que o que faziam nas suas rotinas diárias se articulava com o discurso oral.

A dimensão *profissional* centrou-se sobretudo na relação que um jovem pai estabelece com o mercado de trabalho, no geral, e com a entidade empregadora onde desempenha uma actividade profissional, em particular. Nomeadamente no entendimento da vivência de uma profissão e carreira profissional e paralelamente, do desempenho do papel de pai. Importou perceber se a paternidade implicou o trabalhar mais ou menos, quer em termos de horas como em termos de maior ou menor investimento profissional ou número de empregos. Exploraram-se questões relacionadas com a perspectiva futura de uma carreira profissional em função da existência de uma vida familiar, bem como a articulação do quotidiano profissional com o familiar.

Por fim, com a última dimensão analítica, a das *masculinidades*, procurou-se perceber a relação existente entre a paternidade e o ser homem, i.e., se uma implica a outra ou se são entendidas dissociadamente. Outro objectivo desta dimensão foi o de perceber onde e de que forma a paternidade se incluía nos percursos familiares e pessoais destes jovens, da adolescência até à actualidade, de modo a perceber e delinear os seus planos, estratégias e afirmações individuais quer no contexto familiar como no dos amigos ou mesmo laboral. As questões do género foram também levantadas com o propósito de se saber se os entrevistados identificavam profissões mais masculinas ou mais femininas e se consideravam que homens e mulheres estavam em igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, quer em termos de acesso a uma carreira profissional como na progressão nesta.

## **2.1. A paternidade enquanto objecto de estudo: as respostas de chegada**

A título de grandes respostas às questões levantadas no ponto anterior, verificou-se que comum a todos os discursos é a existência de diferentes representações e atitudes perante a paternidade, variando estas, sobretudo, em função das origens sociais dos indivíduos, das suas trajectórias e das especificidades dos respectivos percursos de vida, designadamente em função dos contextos que envolveram a formação de uma nova família<sup>2</sup>, da escolaridade adquirida e dos modos mais ou menos qualificados de inserção

---

<sup>2</sup> Sobretudo se a gravidez foi planeada ou não.

profissional<sup>3</sup>, que se reflectem directamente num maior acesso e visibilidade à criação e promoção de alternativas, opções e estratégias individuais (Beck e Beck-Gernsheim, 2003) e também familiares.

No que se relaciona à articulação da paternidade com a actividade profissional, observaram-se comportamentos distintos em função da precariedade ou segurança laboral. Ou seja, tal como sugere Manuella du Bois-Reymond (1998), dando conta de diferenciações expressivas nas trajectórias de classes dos diversos segmentos de indivíduos, distinguem-se nesta matéria claramente duas fracções distintas: por um lado as biografias estandardizadas ou constrangidas, protagonizadas por indivíduos com inserções socioprofissionais desqualificadas, caracterizadas por laços precários e com menores rendimentos, que depois de serem pais passam a trabalhar mais horas, podendo mesmo aderir a formas de pluriactividade; por outro lado, no extremo oposto, as biografias de escolha ou reflexivas, dos indivíduos oriundos de meios sociais mais favorecidos com uma situação profissional mais estabilizada. Estes, detendo maiores recursos económicos e qualificacionais, optam, por vezes, por desacelerar ou “congelar” o crescimento profissional de forma a favorecer uma maior disponibilidade temporal, emotiva e psicológica, para a família e, mais especificamente, para os filhos, uma vez que estas alterações surgem fundamentalmente após o nascimento destes.

A procura de igualdade de oportunidades na vivência da paternidade, por comparação à maternidade, é sentida em vários domínios, sobretudo no campo das relações estabelecidas com as instituições de saúde e escolares. Desta forma, no contacto com estes organismos, alguns entrevistados, precisamente dos segmentos mais qualificados, revelam uma enorme “insatisfação” com o facto dos técnicos e profissionais daqueles organismos, recorrentemente, proferirem discursos orientados *exclusivamente* para as mães, ou tomarem-se como suas interlocutoras preferenciais, como se demonstrará mais à frente. Pelo contrário, nas entidades empregadoras e locais de trabalho onde existe um enquadramento legal<sup>4</sup> que regula os direitos e deveres dos trabalhadores, apesar de haver constrangimentos e obstáculos implícitos a um desempenho mais efectivo do papel de pai, existe a oportunidade de beneficiar de licenças, subsídios ou baixas inerentes ao seu desempenho paternal, como espelha o

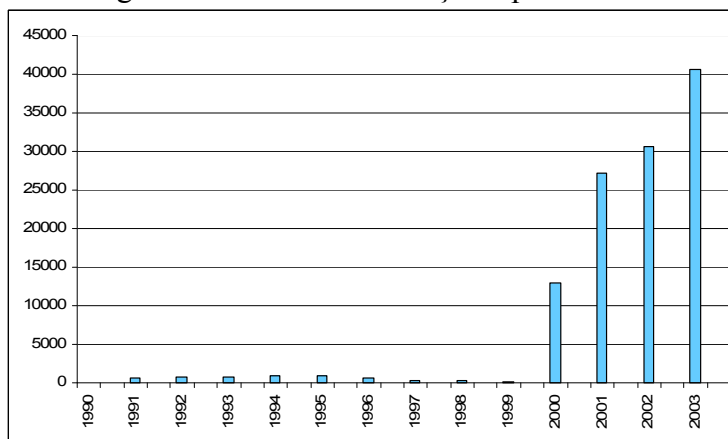
---

<sup>3</sup> Não só pelo próprio, como pelo pai e mãe deste, uma vez que se pôde observar que existe uma regularidade neste aspecto da vida destes jovens.

<sup>4</sup> Não se pode no entanto perder de vista que em termos de Estado Providência, Portugal, num posicionamento de forte contraste com os países escandinavos, tem um modelo deficitário, sendo escassas as políticas orientadas para a maternidade/parentalidade e para a existência de pais trabalhadores, sendo reduzidos os equipamentos e as medidas de apoio aos cuidados das crianças, representando assim uma não-resposta às famílias com filhos, especialmente no que se refere às crianças com idades compreendidas entre 0 e os 3 anos (Torres, 1998a)

aumento abrupto do usufruto das licenças da paternidade no ano 2000 (figura 5), ano em que foi aprovada a lei que permite ao pai ficar com o filho, de um modo remunerado, durante cinco dias.

Figura 5: Usufruto da licença de paternidade



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2003.

A conjugalidade é entendida no quadro da presente pesquisa numa vasta amplitude, onde se abraça a vida conjugal como um todo complexo, envolvendo desde as relações de intimidade afectiva e material, de conflitos e negociações, de trocas e de partilhas com o cônjuge, das múltiplas tarefas domésticas e dos cuidados em relação aos filhos, passando pela relação com as famílias de origem de ambos. É enquanto tal uma conjugalidade que apresenta contornos específicos e diferenciados, mas susceptíveis de padronização em certos segmentos de indivíduos.

Adicionalmente, os resultados desta pesquisa indicam que, tal como também já tinha verificado Ulla Björnberg (1997), a participação e envolvimento do homem nas tarefas domésticas, por um lado, e nos cuidados com os filhos, por outro, podem ser diferenciados entre si e relativamente independentes. Desta forma encontram-se jovens pais que participam nas tarefas domésticas e, simultaneamente, exercem a paternidade de forma muito activa e assumida, assim como outros que apenas se envolvem numa participação, por vezes, “selectiva” ou orientada para cuidados específicos como o dar banho ou o brincar, de vivência da paternidade. Não se encontrou nenhum caso ou nenhuma referência onde a orientação privilegiada pelo jovem pai vá no sentido da execução das tarefas domésticas, em detrimento dos cuidados aos filhos.

No relacionamento das famílias actuais e de origem, bem como das interacções destas com os filhos dos entrevistados, observa-se que há uma tendência para o

entrevistado aceitar melhor os conselhos oriundos da sua família de origem do que da família do cônjuge. Este cruzamento de relações de maior ou menor confiança, depositada na família de origem da cônjuge, designadamente quanto ao acompanhamento dos respectivos netos, vem, no seguimento da proposta de Giddens, uma vez que “as relações de parentesco eram geralmente consideradas uma base de confiança garantida; actualmente, a confiança tem de ser negociada e discutida e o compromisso é tanto um problema quanto nas relações sexuais” (2001:68). Ou seja a intimidade implica também para além do vínculo, o reconhecimento e a consideração do outro. O significado e o sentido de intimidade presumem que as qualidades que envolvem esse conceito se estabeleçam através do contacto e da confiança no outro (Giddens, 2001), o que neste caso nem sempre acontece.

Este estudo identificou ainda uma relação entre a posição socioprofissional, a idade e a aceitação da influência avoenga no processo educacional das crianças. Desta forma ficou nítido nos discursos proferidos especialmente por *profissionais técnicos de enquadramento e empresários, dirigentes e profissionais liberais* que, quanto mais velhos são, mais críticos se tornam às influências dos avós na educação e acompanhamento dos netos, revelando um esforço na gestão destas “intervensões” na manutenção de um bom relacionamento familiar que vem confirmar ou reforçar as análises anteriores que apontam para que seja entre os mais velhos e qualificados que o nascimento dos filhos mais frequentemente se enquadra num projecto de vida.

Identificou-se também uma relação entre a idade e as posições socioprofissionais dos entrevistados na vontade de ter mais filhos, observando-se que quanto mais velhos e mais qualificados profissionalmente, mais expressam a vontade de voltar a ser pais – mostrando mesmo vontade de ainda ter mais do que um filho. Esta relação não é nova, e vem mesmo no seguimento de estudos sobre a passagem dos jovens para a entrada na vida adulta, onde se defende que a melhor altura para ter filhos resulta de uma estabilidade conjugal, mas também na estabilidade profissional. A noção de estabilidade surge deste modo associada à capacidade de prever e conduzir o futuro (Nilsen, 1998).

Quanto à existência de novas formas de viver a masculinidade, à luz do já foi conceptualmente identificado por Connell (1995), existem várias formas de masculinidades sendo por isso mais correcto falar de *masculinidades*, no plural e não de masculinidade singular. Esta distinção fundamenta-se na existência de diversas formas de entender e perceber a construção social associada ao que é “ser homem”, ou ao que se espera deste. Desta forma, perante um processo de construção social que cada

indivíduo desenvolve, vive, produz e reproduz no seu contexto social, económico, temporal e geracional, emerge mais do que apenas um único entendimento do que é *o homem*. As masculinidades resultam da diversidade e especificidade dos indivíduos e dos seus percursos individuais, bem como, mais uma vez, dos contextos de socialização que foram os seus, dentro do enredo e das especificidades das respectivas famílias de origem.

As questões de género são ainda referidas pela generalidade dos entrevistados através do reconhecimento de profissões “mais femininas” e “mais masculinas”. Nesta matéria, é interessante a preocupação, por parte de praticamente todos os entrevistados, em relativizar aquelas identificações, nomeadamente ao clarificar que existem homens nas profissões indicadas como mais femininas e mulheres nas percebidas como mais masculinas ou através da noção de que há tantas ou mais diferenças entre indivíduos que entre homens e mulheres – ainda que esta ressalva possa derivar também das respostas consideradas *politicamente correctas*.

As diferenças físicas são entendidas como principal motivo para a diferenciação no estatuto profissional de homens e mulheres. Curiosamente e em conformidade com os resultados apresentados por Kimmel (2000), muitos dos entrevistados referem que podem existir mais diferenças entre dois homens ou entre duas mulheres do que entre um homem e uma mulher.

### **3. Principais Resultados**

Como principais resultados destacam-se cinco aspectos transversais a praticamente todos os indivíduos entrevistados.

O primeiro é o facto de todos os entrevistados terem revelado que o ser pai representou um aumento das responsabilidades, passando a maioria a assumir uma postura diferente perante o trabalho, podendo esta diferença consubstanciar-se em mais ou menos horas de trabalho.

*“Vou trabalhar porque tenho um filho para criar e tenho a minha mulher para ajudar. Alterou porque antigamente chegava cinco horas e ia para casa, não tinha problema. Mas agora se há mais hora para trabalhar eu fico. Já sei que essa hora dá alguma coisa para o meu filho. Antigamente não tinha essa preocupação.” (Bernardo Correia, Trabalhador na Construção Civil)*

*“O modo económico, uma pessoa tem muito mais despesas, uma pessoa ganhava, dava para a gente, pronto, agora a nível do meu filho ou arranjo um part-time para fazer depois, que ando à procura para ter mais algum dinheiro para ver se não falta nada ao meu filho.” (Ricardo Gomes, Segurança)*

*“Acho que a partir do momento em que uma pessoa esteja acima daquilo a que eu chamo, o limiar higiénico, orçamental, não é?! Não é por mais 100 ou menos 100 que me vou estar aí a estoirar ou a dedicar menos uma hora à família (...) No dia em que eu sinta que eu estou a ser um pai menos bom, para ser um bom profissional é porque alguma coisa vai muito mal comigo próprio. [perspectivas de um percurso profissional ascendente] Não, digo que não, mas já fiz uma vez «down-shifting» (...) e não penso que seja impossível fazê-lo uma segunda vez.” (Alberto Costa, Director de Departamento de Sistemas)*

O segundo diz respeito às questões relacionadas com a vida doméstica e com a partilha das tarefas domésticas. Grande parte dos jovens pais tem com os respectivos cônjuges uma relação baseada no respeito e no esbatimento da tradicional segregação dos papéis de género entre cônjuges, senão em todas as áreas da esfera privada como as tarefas domésticas<sup>5</sup>, pelo menos na prestação de cuidados aos filhos, tendência já identificada anteriormente por outros autores (Wall, 2005:46, Björnberg, 1997:128).

*“Os pais homens acompanham muito mais e ajudam muito mais a mãe a criar e a..., sei lá, porque o criar uma criança não é só, não é só estar com ela e... o ajudar a criar essa criança também é o desempenho do pai, não é? Eu penso que antigamente a mãe tinha que saber tudo, criar os filhos e tratar da casa, neste momento e por circunstâncias da vida, não é, porque os dois trabalham, é exactamente a mesma coisa. Eu hoje, por exemplo, a minha mulher entrou às seis e meia da manhã, fui eu que tive que dar de comer ao puto, fui eu que o vesti, aos dois, fui eu que os levei ao colégio, depois vim trabalhar. Eu penso, penso não, tenho a certeza que mudou bastante. Eu acho que se, se há vinte anos atrás metessem uma situação destas a um homem, ele preferia que a mulher, se os dois trabalhassem, ele preferia que a mulher ficasse em casa, nem que fosse para arranjar três trabalhos, penso eu, eu não tenho... nesse aspecto não sei, a olhar para o meu avô... há vinte anos atrás” (Carlos Machado, Vendedor)*

O terceiro aspecto tem como especial enfoque as vivências da conjugalidade e as relações estabelecidas com as famílias de origem. De um modo geral, no seio do casal, observou-se que apesar do nascimento dos filhos implicar uma redução drástica no tempo disponível para a “vida a dois”, os jovens pais afirmam que veio fortalecer a relação (este papel desempenhado pelos filhos na família foi identificado também por Vanessa Cunha, 2005: 496).

---

<sup>5</sup> Note-se que o poder ter alguém exterior para realizar as tarefas domésticas (mencionado por um dos indivíduos como serviço de outsourcing) é referido por muitos pais como a “solução” para muitas das discussões conjugais.

*“Já havia entre nós uma relação bastante forte. Acho que se a minha esposa não tivesse engravidado na altura era um namoro para continuar. Sabemos lá nós o dia de amanhã, mas acho que sim, pronto. Não foi isso que nos fez... Claro que nos fez ganhar laços mais fortes, é natural, mas já havia uma relação bastante forte.” (Paulo Marques, Distribuidor de Jornais)*

*“A gestão do tempo, isso para mim é aquilo que realmente marca o ser pai, muitos podem discordar disto, mas eu acho isto uma coisa importantíssima, a questão do tempo de estar com eles, de estar com o cônjuge e de estares contigo, pronto, são três dimensões que tens aqui, e isto é o mais complicado, é um triângulo muito difícil de gerir.” (Guilherme Fonseca, Professor Universitário)*

As famílias de origem são percebidas como um grande suporte, havendo uma relação de maior proximidade com a família de origem do próprio face à família de origem do cônjuge, como já foi afirmado anteriormente.

*“A minha mãe, muitas vezes, vai buscar a minha filha à escola e vou buscá-la a casa dos meus pais. Ao fim-de-semana vamos muitas vezes almoçar a casa dos meus pais. Fins-de-semana, queremos sair um bocado à noite, fica a minha filha com os meus pais. Até houve uma altura em que estivemos algum tempo, para aí um ano, a morar em casa dos meus pais. Na altura em que a minha mulher engravidou, antes de a minha filha ter nascido, foi assim tudo um bocado de repente. Esivemos lá a morar e nunca houve problema nenhum.” (Paulo Marques, Distribuidor de Jornais)*

O quarto aspecto refere-se à noção de “pai perfeito”. Um “pai perfeito”, ainda que alguns indivíduos indiquem a impossibilidade de existir a perfeição, é descrito como alguém que está sempre presente. Esta perspectiva mais “presencialista” foi também já identificada por Birgitta Bergsten e Margareta Bäck-Wiklund quando afirmam que “modern men do not have a family, they want to be a family” (Bergsten and Bäck-Wiklund, 1997: 60).

*“Um pai perfeito é realmente um pai que se preocupa com o seu filho, se preocupa em dar-lhe todos os dias a atenção que ele merece, que necessita, todos os dias reunir meios para que as suas necessidades sejam, pelo menos as básicas, sejam portanto resolvidas, Quando um bebé está, por exemplo, ainda hoje esteve a comer a papa, é um momento imperdível, que eu não sabia como é que ele ia reagir, foi espectacular, quando ele imite os primeiros sons de tentar comunicar também foi um momento que eu tive o privilégio de acompanhar, ali em primeira mão, e foi um momento espectacular e acho que é o dia-a-dia que faz um pai perfeito.” (Luís Pina, Administrativo)*

Por último, identificou-se ainda que nas instituições públicas relacionadas com as crianças, nomeadamente nas escolares – como as creches, os infantários, os colégios, e os jardins de infância – e nas de prestação de cuidados de saúde – como os centros de

saúde, os hospitais e as clínicas – os profissionais procuram as mães como interlocutores privilegiados, mesmo quando os pais estão presentes ou mesmo sozinhos com seus filhos. Este facto, entendido como discriminatório, é descrito por muitos dos entrevistados como perpetuador da noção de senso comum de que as mães tratam melhor dos filhos que os pais. Estas situações, vividas quase diariamente, são percebidas por alguns dos indivíduos como obstáculos a uma vivência efectiva da paternidade.

*“Noto.. noto porque é assim, falam-me se calhar falam-me mais abertamente com a minha mulher, se calhar ela vai lá mais tempo e comigo já falam assim de uma maneira mais, como é que eu hei-de de explicar, assim mais tipo, vai.. agora estou-te a explicar isto mas parece que não estás a perceber nada, é assim mais ou menos. Está bem, eles falam comigo em termos técnicos, estás a perceber, e com a minha mulher é mais, já tipo uma relação mais igual vá, e ela, e isto e aquilo, mais, mais, mais próxima, comigo já é mais distante, estás a perceber, é mais distante” (António Vaz, Carpinteiro)*

*“Na sociedade em geral, acho que a mãe é sempre interlocutora quando é qualquer coisa relativa ao filho, acho que isso continua a acontecer. Na sociedade em geral, sim, a mãe acaba sempre por ser a interlocutora principal.” (David Pereira, Professor Universitário)*

*“Sai-lhes mais da boca, “a mãe faz”, “a mãe pega”, porque normalmente se calhar estão habituados a ver sempre a mãe, a mãe, a mãe, vêem lá o pai e nada!” (Rui Alcobia, Professor Ensino Básico)*

*“Por acaso é curioso, acho que, regra geral, os médicos se a mãe estiver presente dirigem-se à mãe. É curioso que, por acaso, às vezes até me chateia, é que se eu pergunto uma coisa respondem à mãe, «Ela deve comer isto?» - «Ó mãe, não lhe dê aquilo!» acho que é um bocado essa... Eu acho que o que está implícito é que seja a mãe a cuidar dela.” (Jorge Coutinho, Inspector das Finanças)*

*“Sempre que eles escrevem um bilhete a dizer que é preciso qualquer coisa. Nunca dizem: papá é preciso trazer fraldas dodot. Dizem sempre mamã é preciso trazer essa coisas, mas também calculo que seja natural. Ou seja nunca me escreveram um bilhete a dizer que eu tinha que levar fraldas ou... Mas normalmente quem compra as fraldas até sou eu, portanto até podiam mandar.” (Alberto Costa, Director de Departamento de Sistemas)*

Esta pesquisa permitiu ainda sistematizar e agrupar as vivências da paternidade em três tipos. Esta construção, inspirada na tradição weberiana de definição de tipos-ideais, procura incorporar os vários eixos analíticos considerados no modelo que orientou a pesquisa numa dupla perspectiva, de análise dos percursos biográficos e dos contextos actuais, procurando neles equacionar simultaneamente as percepções e avaliações que os próprios têm sobre a paternidade, as relações complexas que se estabelecem entre



esta e os exercícios profissionais, os laços e relacionamentos familiares, bem como os processos de construção do género masculino.

Note-se, antes de mais, que a criação de uma tipologia de perfis caracterizadores de um segmento de indivíduos não se apresenta aqui como um fechamento categórico estanque ou estático, uma vez que cada caso, pela sua complexidade própria, tem sempre particularidades passíveis de criar um *tipo* único. Procurou-se com este trabalho analítico ilustrar os padrões de comportamentos de vivências e de percepções da paternidade. Reconhece-se também que ao longo dos seus percursos e trajectórias de vida, como em função dos contextos específicos de interacção (Lahire, 2004), os indivíduos podem alterar os seus comportamentos e orientações. Tal aplica-se igualmente nas projecções que dão de si, designadamente em relação à vivência e às representações sobre a paternidade. Assim, a tipologia que aqui se propõe deve ter por referência um contexto e momento precisos: aquele que envolveu a recolha de informação.

Esclarecendo que não se pretende apresentar uma segmentação analítica demasiado “rígida”, esta pesquisa permitiu distinguir três perfis-tipo de paternidade, o *pai formiga*, o *pai galinha* e o *pai galo*. No quadro 1 apresentam-se as configurações de cada um destes perfis.

**Quadro 1: Tipologia e definição de perfis de vivência da paternidade**

	<b>PAIS FORMIGA<sup>6</sup></b>	<b>PAIS GALINHA<sup>7</sup></b>	<b>PAIS GALO<sup>8</sup></b>
	Gravidezes não planeadas	Gravidezes planeadas e não planeadas	Gravidezes planeadas
<b>Paternidade e profissão</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Abandono escolar;</li> <li>▪ Inserção precoce no mercado de trabalho através de profissões menos qualificadas;</li> <li>▪ Filho como promotor do investimento profissional;<sup>9</sup></li> <li>▪ Forte aspiração e instrumentalização de recursos para uma mobilidade social ascendente;<sup>10</sup></li> <li>▪ Não usufruto da licença de paternidade por constrangimentos profissionais;</li> <li>▪ Pouca ou nenhuma participação nos cuidados e acompanhamento dos filhos;</li> <li>▪ Diariamente estão entre 1,5 e 3 horas com os filhos;</li> <li>▪ Os filhos são percebidos como o centro da vida e como uma continuação familiar;</li> <li>▪ O ter mais filhos não se coloca por constrangimentos financeiros;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Progressão e realização profissionais remetidas para segundo plano;</li> <li>▪ Passam a trabalhar igual ou menor número de horas;<sup>11</sup></li> <li>▪ Percepção da necessidade de investir no acompanhamento e educação dos filhos;</li> <li>▪ Usufruto da licença de paternidade;</li> <li>▪ Participam nas actividades diárias de cuidados e acompanhamento dos filhos;</li> <li>▪ Envolvimento com instituições escolares/infantis e de saúde que os filhos frequentam;</li> <li>▪ Por dia, estão com os filhos 3 a 5 horas;</li> <li>▪ Os filhos são percebidos como mais uma dimensão da vida.</li> <li>▪ A existência de mais filhos está dependente de um crescimento profissional e de uma melhoria das condições de vida.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desinvestimento na carreira profissional para aumentar a disponibilidade para a família;</li> <li>▪ Discurso orientado para uma vivência activa da paternidade, nem sempre exercida na prática;</li> <li>▪ Menor envolvimento no acompanhamento das idas ao médico e nas relações com as instituições escolares e infantis;</li> <li>▪ Usufruto das licenças de paternidade;</li> <li>▪ Estão com os filhos entre 1,5 e 4 horas com os filhos.</li> <li>▪ Maior desejo de ver a família aumentada.</li> <li>▪ Os filhos são uma forma de realização pessoal e de continuação familiar</li> </ul>
<b>Paternidade e relações familiares</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estratégia de auto-conformação face à existência de planeamento familiar;<sup>12</sup></li> <li>▪ Pouca ou nenhuma disponibilidade para a participação nas tarefas domésticas<sup>13</sup> e nos cuidados aos filhos;<sup>14</sup></li> <li>▪ Boas relações com famílias de origem;</li> <li>▪ Famílias de origem como apoio;</li> <li>▪ Filho como agregador do casal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apoio externo na realização das tarefas domésticas como estratégia de conciliação conjugal;<sup>15</sup></li> <li>▪ Melhores relacionamentos familiares com a família de origem do próprio;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apoios externos para a execução das tarefas domésticas.</li> <li>▪ Bons relacionamentos com as duas famílias de origem;</li> <li>▪ Críticas das interferências dos avós na educação e cuidados dos netos.</li> </ul>

<sup>6</sup> Remetido, *grosso modo*, para *O – Operários e EE – Empregados Executantes* (20 aos 25 anos) [sobre categorias sócio-profissionais (classes sociais) ver Costa (1999) e Machado (2003)].

<sup>7</sup> Remetido, *grosso modo*, para *PTE – Profissionais Técnicos de Enquadramento, EDL – Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais* (até aos 30 anos) e *EE* (26 aos 30 anos).

<sup>8</sup> Remetido, *grosso modo*, para *EDL* (31 aos 35 anos) e *EE* (31 aos 35 anos).

<sup>9</sup> Note-se que este investimento pode assumir várias formas como uma maior disponibilidade para a realização de horas extraordinárias, uma realização de mais horas de trabalho, independentemente de serem consideradas extraordinárias, com o objectivo de obterem uma progressão de carreira mais rápida, uma procura de um segundo trabalho, ou ainda uma continuação dos estudos para que de uma profissão mais especializada emane uma melhoria da qualidade de vida familiar.

<sup>10</sup> Os entrevistados revelam ainda uma preocupação face aos locais onde moram, preocupação esta baseada em experiências de vida em bairros avaliados como pouco promotores de um bom crescimento – fazendo planos de mudança de casa – e às escolas que os filhos irão frequentar.

<sup>11</sup> Permitido por uma eventual estabilidade face ao mercado de trabalho, que os indivíduos mais novos ainda não adquiriram.

<sup>12</sup> Quando questionados se na juventude tinham planos familiares para o futuro todos responderam que não, mas noutra momento da entrevista, a maior parte dos entrevistados que viveram gravidezes inesperadas afirmou sempre ter desejado ter um filho.

<sup>13</sup> Apesar de na família de origem afirmarem participar na realização de praticamente todas as tarefas. Na verdade verifica-se relação inversa, uma vez que todos os indivíduos que testemunham ter tido um papel activo no desempenho das tarefas domésticas na família de origem, acabam por ser os que menos participam

<sup>14</sup> Com uma ligeira tendência de uma maior presença nesta última

<sup>15</sup> Forma reconhecimento da participação das mulheres no mercado de trabalho.

	PAIS FORMIGA <sup>6</sup>	PAIS GALINHA <sup>7</sup>	PAIS GALO <sup>8</sup>
<b>Paternidade e género</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Responsabilização das mulheres<sup>16</sup> pela educação e cuidados aos filhos;</li> <li>▪ Nem todos os indivíduos consideram as mulheres como iguais face ao mercado de trabalho (defensores da mulher doméstica);</li> <li>▪ Ser homem baseia-se em noções de respeito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ As mulheres estão em paridade com os homens face ao mercado de trabalho, mas identificam obstáculos de crescimento na carreira;</li> <li>▪ Sentimento de tratamento diferenciado nas instituições de saúde e escolares: pais são preteridos em função das mães;</li> <li>▪ Ser homem é ir de encontro às expectativas que criam da noção do que é ser homem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ As mulheres são as mais responsabilizadas pelos filhos<sup>17</sup> por serem as mais orientadas para as temáticas familiares;</li> <li>▪ A maternidade é identificada como um obstáculo discriminatório das mulheres no mercado de trabalho;</li> <li>▪ O homem é entendido como o principal sustento da família.</li> </ul>

O primeiro tipo, o *pai formiga*, agrega os indivíduos para quem o nascimento dos filhos, de forma inesperada, conduziu a um maior investimento profissional, quer por esta ser a via de garantir o orçamento necessário às despesas do agregado familiar, quer por ser percebida como o meio de melhor promover uma trajectória social ascendente aos filhos, através da instrumentalização dos recursos económicos na criação de condições para uma educação considera “boa”, tais como a mudança do local de residência ou o acesso a escolas privadas. O centramento quotidiano destes indivíduos são os filhos, vivendo, assim, em função destes. No entanto, são também os que apresentam uma menor disponibilidade e orientação para a família, e estando poucas horas por dia com esta, responsabilizam as mulheres para os cuidados e educação dos filhos. O apoio dos avós é entre estes indivíduos muito valorizado e apreciado, sendo mantidas boas relações familiares com ambas as famílias de origem – do próprio e da cónjuge. Apesar de não haver um planeamento familiar, os filhos são entendidos como promotores da coesão do casal.

Os *pais galinha* definem-se sobretudo pelo reconhecimento da importância de estar presente na vida dos filhos, desenvolvendo uma relação emocional com estes. São os que mais participam nas práticas e cuidados relacionados com os filhos e os que se mostram mais revoltados com a existência de diferentes formas de tratamento nas instituições de saúde e escolares, onde a mãe é procurada como a interlocutora privilegiada. Profissionalmente, tendo profissões qualificadas, são os que, apesar de continuarem a procurar uma ascensão profissional, a secundarizam em função de uma maior disponibilidade para a família, pelo menos nesta fase em que os filhos são ainda muito pequenos. De uma forma geral, mostram um maior apreço pelo relacionamento

<sup>16</sup> Os cônjuges dos indivíduos mais desqualificados, mais novos, em norma são estudantes não activas.

<sup>17</sup> Note-se que há casos de mulheres que, de momento, não trabalham para estar com os filhos.

familiar com a própria família de origem em relação à do cônjuge. Este tipo de perfil foi já identificado por Ulla Björnberg: “The results suggest that men in high income groups with jobs requiring a high level of education and giving them a comparatively high degree of flexibility, are more active in developing their fatherhood role” (Björnberg, 1997: 128).

Os *pais galo* caracterizam-se sobretudo por um posicionamento mais conservador perante o desempenho efectivo do papel de pai e face ao papel da mulher na família e na sociedade. Assim, apesar de ao nível narrativo afirmarem um desaceleramento no crescimento profissional com o objectivo de poderem dedicar mais tempo aos filhos, na prática estes indivíduos não revelaram um envolvimento nas actividades e cuidados quotidianas dos filhos, identificando as mulheres como as responsáveis pelos filhos. São também estes indivíduos que têm um discurso mais assertivo na afirmação de diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho, sendo aqui mais notório a identificação da maternidade e da responsabilização pela família como os principais obstáculos para o crescimento profissional feminino. Os indivíduos que compõem este grupo são também os que defendem a ideia de homem provedor da família, não no sentido da protecção ou de uma eventual não profissionalização das mulheres, mas no sentido de o homem ser entendido como o “ pilar da casa”.

Quanto à análise dos percursos biográficos, conclui-se que é na último tipo de pais que se encontra a maioria dos indivíduos que tiveram uma trajectória de ascensão ou reprodução da posição de classe de origem, no segundo os que tiveram sobretudo uma trajectória social ascendente. O primeiro tipo engloba especialmente os indivíduos que apresentam um percurso descendente ou de manutenção da posição de classe face à família de origem.

Estes três tipos de vivências da paternidade são um esboço do modo como os pais actualmente, num contexto urbano, interagem na conciliação dos vários papéis que desempenham enquanto membros de uma família, enquanto cônjuges, profissionais e indivíduos.

#### **4. Limitações e futuras pistas de investigação**

Com a realização desta investigação, ao longo do processo analítico, foram surgindo novas questões ficando outras por responder.

Começando pelas limitações da pesquisa, teria sido interessante analisar a vivência da maternidade e da paternidade em complementaridade, i.e., perceber as vivências da parentalidade de forma global através da recolha e análise dos discursos das jovens mães. O facto de esta pesquisa ter assumido um papel exploratório na análise da paternidade levou a que se procurassem exclusivamente os “pais” à semelhança de muitos outros estudos que até à data se centravam nas “mães”. No entanto, a realização desta pesquisa permitiu perceber que uma análise comparada enriqueceria o conhecimento das vivências familiares dos jovens casais com filhos bem como os jogos de papéis inerentes a cada indivíduo enquanto pai/mãe, cônjuge, profissional e mulher/homem.

Teria ainda sido interessante compreender a paternidade em função dos modelos de conjugalidade (como as relações fusionais, institucionais e associativas), bem como analisar os desempenhos da paternidade em função dos modelos educacionais (Cunha, 2005). Se esta articulação tivesse sido realizada poder-se-ia chegar a pistas que indiciassem relações entre formas de viver a conjugalidade e de vivenciar a paternidade contribuindo assim para o aumento de conhecimento nesta área, sobretudo sob a perspectiva masculina. Do mesmo modo teria sido útil perceber que tipo de estratégias educacionais utilizam os pais e o impacto destas na relação pai-filho(a)/filhos(as), i.e. compreender o tipo de paternidade à luz das estratégias educacionais adoptadas.

No âmbito dos resultados apurados nesta pesquisa revelou-se pertinente a realização de estudos que aprofundassem o tratamento diferenciado de pais e mães nas instituições de saúde – especialmente nos centros de saúde e nas consultas de pediatria em hospitais público ou consultórios privados – e nas escolares – creches e jardins de infância, uma vez que foi no contacto com estes estabelecimentos que os pais mais afirmaram sentir um desajuste entre o protagonismo que pretendiam assumir na relação e participação na vida dos filhos e o que lhes era proporcionado pelos interlocutores com que se cruzavam nestas instituições. Esta análise mais aprofundada pode até articular-se com acções de sensibilização junto dos profissionais dos centros de saúde e/ou creches de modo a que se estabeleça uma relação de equilíbrio entre a participação dos pais e das mães.

Identificada a valorização do apoio da família aos jovens casais, seria ainda oportuno perceber especificamente qual o papel dos familiares no acompanhamento dos casais com filhos bem como as diversas naturezas e formas que este apoio pode assumir. Neste enquadramento teria especial pertinência compreender a problemática das redes familiares, i.e. da participação das famílias de origem numa família “nova”, já com filhos, sob a perspectiva dos avós.

## **Bibliografia:**

- Beck, Ulrich, Elisabeth Beck-Gernsheim (2003), *Individualization*, Londres, Sage Publications.
- Björberg, Ulla; A.-K. Kollind, (1994), *Men's Family Relations*, Estocolmo, Almqvist & Wilksell International.
- Björberg, Ulla, Jürgen Saass (orgs.) (1997), Swedish dual breadwinner families: Gender, class and policy, *Families with Small Children in Eastern and Western Europe*, Aldershot, Ashgate.
- Bois-Reymond, Manuella du (1998), "I don't want to commit myself yet": young people's life concepts, *Journal of Youth Studies*, 1 (1), 63-79.
- Connell, R. W. (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press
- Connell, R. W. (2003), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora.
- Cunha, Vanessa (2005), "As funções dos filhos na família", em Wall, Karin (org.) (2005), *Famílias em Portugal*, Lisboa, Instituto das Ciências Sociais.
- European Social Survey (round 1)* (2002), em <http://www.europeansocialsurvey.org/> , consultado a 30 de Setembro de 2006.
- European Social Survey (round 2)* (2004), em <http://www.europeansocialsurvey.org/> consultado a 30 de Setembro de 2006.
- Eurostat* (2005), em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu>, consultado a 30 de Setembro de 2006.
- Giddens, Anthony (2001), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta Editora.
- Griswold, Robert (1993), *Fatherhood in America: a History*, Nova Iorque, Basic Books.
- Guerreiro e Abrantes (2004), *Transições Incertas: Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Oeiras, Celta Editora.
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2000), *Inquérito à Ocupação do Tempo*, 1999.
- INE (Instituto Nacional de Estatística), *Estatísticas Demográficas*, 1990-2003.
- Kimmel, Michael, e Amy Aronson (2000) *The Gendered Society*, Nova Iorque, Oxford University Press.

- Klement, Carmen, e Brigitte Rudolph (2004), "Employment patterns and economic independence of women in intimate relationships", *European Societies*, 6 (3), pp. 319-346.
- La Rossa, R. (1988), "Fatherhood and social change", *Family Relations*, 37, pp. 451-457.
- Machado, Fernando Luís, António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, José Luís Casanova, e João Ferreira de Almeida (2003), "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.
- Marsiglio, W. (1993) "Contemporary scholarship on fatherhood: culture identity and conduct", *Journal of Family Issues*, 4 (14), pp 484-509.
- Messner, Michael (1993) "'Changing men' and feminist politics in the United States", *Theory and Society*, 22, pp. 723-737.
- Nilsen, Ann (1998), "Jovens para sempre?", *Sociologia Problemas e Práticas*, 27, Celta Editora, pp. 59-78.
- Oinonen, Erikka (2004), "Starting the first family: changes on patterns of family formation and demographic trends in Finland and Spain", *European Societies*, 6 (3), pp. 319-346.
- Pleck, Joseph (1981), *The Miths of Masculinity*, Cambridge, Mit Press.
- Segalen, Martin (1999), *Sociologia da Família*, Lisboa, Edições Terramar.
- Torres, Anália, Mendes, Rita e Lapa, Tiago (2006), "Men and Women between Family and Work in Europe. Analysing the Data of European Social Survey", XVI World Congress of Sociology, Durban, International Sociology Association
- Torres, Anália Cardoso (2004), *Vida Conjugal e Trabalho*, Oeiras, Celta Editora.
- Torres, Anália Cardoso e Francisco Vieira da Silva (1998a), "Guarda das crianças e divisão do trabalho entre homens e mulheres", *Sociologia Problemas e Práticas*, 28, Celta Editora, pp. 9-66.
- Wall, Karin (org.) (2005), *Famílias em Portugal*, Instituto de Ciências Sociais.
- White, N. (1994) "About fathers: masculinity and the social construction of fatherhood", *Australian and New Zealand Journal of Sociology*, 30(2), pp. 119-131.